



Malaca Casteleiro

1936-2020 O linguista que abriu a guerra dentro desta língua

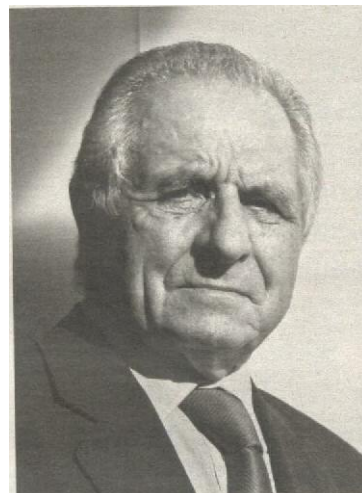
Há heranças ou legados apeteceíveis como os há desoladores. Há dessas que dão origem a crises de sucessão, às guerras e disputas mais traiçoeiras, como uma gota de veneno capaz de levantar uma tempestade no sangue, e há ainda as que amaldiçoam um nome, e são como uma letra escarlata para a descendência. A herança de João Malaca Casteleiro, linguista que morreu na passada sexta-feira, aos 83 anos, está ainda longe de avistar o seu definitivo desenlace. Os sucessivos tropeços e recuos do que, em tempos, parecia um processo irrevogável, deixa claro que a guerra está longe de ter terminado.

Como principal responsável pelo Acordo Ortográfico de 1990 (AO90) – esse que aqui nos vemos obrigados a seguir –, a iniciativa de Casteleiro é tida por muitos como uma imposição intolerável, um ‘logro’ que sinaliza o triunfo da lógica tecnocrática sobre o processo natural de evolução e adaptação da língua. Se a língua

cristaliza a história íntima, a visão do mundo peculiar de uma comunidade, o AO90 corresponde a uma canhestra inversão destes princípios, a favor de uma operação uniformizadora que, a realidade tem provado que não passou de uma ficção.

Seria injusto, no entanto, reduzir a vida de um homem à herança que deixa. O ‘pai’ do AO90, tem um vastíssimo percurso enquanto linguista e professor catedrático, e fica ligado à história da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde lecionou e coordenou a cadeira de sintaxe e semântica do português ao longo de quase quatro décadas. Talvez no dia em que houver a coragem de reconhecer o fracasso, e sairmos da enrascada em que a classe política portuguesa se meteu – com vista a facilitar a circulação de produtos linguísticos idênticos –, talvez então o legado de Malaca Casteleiro possa ser reapreciada, e é possível que venha a ser destacado o seu papel na coordenação científica do Dicionário da

Língua Portuguesa Contemporânea,



nea, da Academia das Ciências de Lisboa. Publicado em 2001, o dicionário que estava parado há 200 anos, foi o culminar de 12 anos de trabalho. Dividido em dois volumes, são quatro mil páginas, com 70 mil entradas lexicais, e para esta edição colaboraram 61 colaboradores externos.

